

A SINTAXE EM MAXIMINO MACIEL

Anderson Rodrigues Marins (UFF-UERJ)  
[profandermarins@hotmail.com](mailto:profandermarins@hotmail.com)

RESUMO

Para este estudo teve-se em mente que a Historiografia Linguística investiga dicotomias como *continuity* ou *discontinuity* (KOERNER, 1995) dos processos linguísticos provenientes da relação Língua e História, assim como *permanecia* ou *ruptura* dentro de uma ordem teórica já produzida. Não faltam, inclusive, os que modernamente advogam a favor da significativa influência do filólogo francês Arsène Darmesteter em vários gramáticos brasileiros na virada do século XX, como, por exemplo, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Alfredo Gomes e outros (CAVALIERE, 2000; MARINS, 2021). Em Maximino Maciel, ela fica patente em razão do especial relevo atribuído à *semiologia*. Baseamo-nos, ainda, em outros princípios teóricos de Konrad Koerner (1995) – *contextualização*, *imanência* e *adequação* –, ao investigar a visão sintática de Maximino Maciel na *Grammatica descriptiva* (1914). Logo, tais princípios serão a base teórica para tratar da *syntaxologia* em Maciel (1914), que se encontra tripartida em *syntaxe relacional*, *syntaxe phraseológica* e *syntaxe literária*, das quais nos ocuparemos exclusivamente da primeira.

Palavras-chave:

Sintaxe. Maximino Maciel. *Grammatica descriptiva* (1914).

ABSTRACT

For this study, it was kept in mind that Linguistic Historiography investigates dichotomies such as *continuity* or *discontinuity* (KOERNER, 1995) of linguistic processes arising from the relation between Language and History, as well as *remaining* or *breaking* within a theoretical order already produced. There is no lack of those who modernly advocate the significant influence of the French philologist Arsène Darmesteter in several Brazilian grammarians at the turn of the 20th century, such as, for example, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Alfredo Gomes and others (CAVALIERE, 2000; MARINS, 2021). In Maximino Maciel, it is evident due to the special emphasis attributed to semiology. We also based on other theoretical principles of Konrad Koerner (1995) – *Contextualization*, *Immanence* and *Adequation* –, when investigating Maximino Maciel's syntactic vision in *Grammatica descriptiva* (1914). Therefore, these principles will be the theoretical basis for dealing with *syntaxology* in Maciel (1914), which is tripartite in *relational syntax*, *phraseological syntax* and *literary syntax*, of which we will deal exclusively with the first.

Keywords:

Syntax. Maximino Maciel. *Grammatica descriptiva* (1914).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

### **1. Maximino Maciel e a partição dos estudos gramaticais**

A escolha por uma obra pautada na corrente científica (histórico-comparativa) dá-se pela real importância que tal método de investigação promoveu no estudo do vernáculo, do fato gramatical.

Consonante a tal visão metodológica, Maximino de Araújo Maciel, grande expoente do pensamento positivista do século XIX, mediante firme detalhismo na organização e divisão da gramática, partidário de ideias claras e procedimentos rigorosos, divulga entre nós profícuas orientações fornecidas pela cientificidade dos estudos linguísticos em sua *Grammatica descriptiva*, “baseada nas doutrinas modernas”. Quanto à influência doutrinária assegura:

Apesar, porém, do grande numero de obras citadas, parece-nos que se não perdeu a nossa individualidade nesse compendio, porque á doutrina assimilada juntámos as nossas observações proprias, como verão os competentes [*sic*]. (MACIEL, 1914, prólogo)

Com efeito, o estudo de Maciel figura, conforme proposta do eminente Prof. Dr. Ricardo Cavaliere (2002), na *fase fundadora* (1881 a 1920) do *período científico* dos estudos gramaticais brasileiros, momento em que se percebe especial preocupação com a descrição do português contemporâneo. Assim é que, ante as novas tendências da época, parece inequívoco alegar que nosso autor não foge à regra ao mostrar-se inclinado a derivar, *ipso facto*, por rota distinta dos modelos anteriores, marcados pelas propostas da gramática filosófica.

Categoricamente, o mestre sergipano (MACIEL, 1914, prólogo) adverte: “baseando-nos nas doutrinas modernas, concorre-mos de algum modo para romper com a velha tradição, quebrando os antigos moldes em que se vasava a *grammaticographia*”.

Atente-se para a significativa influência do filólogo francês Arsène Darmesteter em vários gramáticos brasileiros na virada do século XX, como, por exemplo, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Alfredo Gomes e outros (CAVALIERE, 2000; MARINS, 2021). Em Maximino Maciel, ela fica patente em razão do especial relevo atribuído à *semiologia*:

A divisão tripartita da generalidade dos *grammaticographos* – em **phonologia**, **lexiologia** e **syntaxilogia** – não tem mais razão de ser, depois que o estudo da **significação** se individualizou, constituindo por si um ramo definido, máxime com os estudos de Darmesteter que usa do termo **semântica** para designar a *theoria lógica da significação*. (MACIEL, 1914, p. 3)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Considere-se que os primeiros acordes do estudo das significações soam por volta de 1825, quando o latinista alemão K. Reisig incluí a ‘semasiologia’ ao lado da etimologia e da gramática. Para ele, ‘semasiologia’ representaria uma disciplina *nova*, histórica, que estudaria os princípios que norteiam a evolução do significado das palavras.

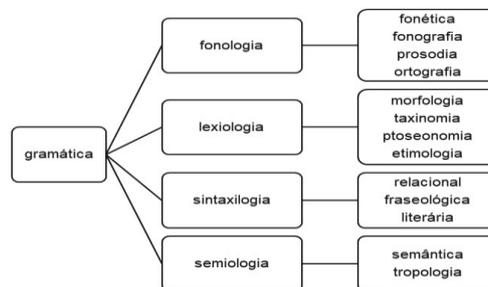
A partir de 1886, Hermann Paul inseri na segunda edição de uma das mais relevantes obras da escola neogramática, *Princípios fundamentais da história da língua (Prinzipien der Sprachgeschichte)*, um capítulo sobre a significação das palavras e sua evolução. Destarte, o termo *semântica* generalizar-se-ia, na linguística ocidental, para designar a *ciência das significações*. Foi amplamente difundido, com a publicação, em 1887, do livro de Darmesteter: *A vida das palavras estudadas em suas significações* e, em 1897, do trabalho de Michel Bréal: *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Em português, no Brasil, ocorre pela primeira vez em *Noções de semântica*, de Manuel Pacheco da Silva Júnior (cf. MARQUES, 1990, p. 32-3) e, posteriormente, em *Meios de expressão e alterações semânticas*, de Manoel Said Ali.

Nas gramáticas, o trabalho de Maximino Maciel constitui um exemplo significativo do bom agasalho que se deu ao estudo das significações léxicas. Nosso autor figura como o pioneiro a sistematizá-lo dentro do plano sinótico da gramática.

Envolvido com a precisa partição dos estudos gramaticais Maciel assevera que:

A grammatica estuda as palavras de uma lingua sob as suas quatro modalidades, isto é, como *som*, como *organismo*, como *função* e como *signal*; e assim se deve dividir em phonologia, lexiologia, syntaxilogia e semiologia [*sic*]. (MACIEL, 1914, p. 3)

Figura 1: Plano sinótico da *Gramática descritiva*, de Maximino Maciel (1914).



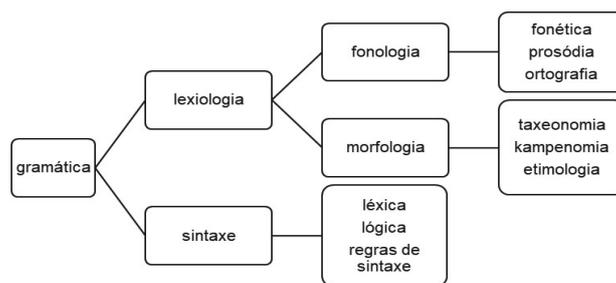
## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

E dessa forma garante inconciliação frente algumas posturas seguidas:

A maior parte dos grammaticos e professores seguem a divisão da gramática em **morfologia** e **syntaxilogia**, de accordo com o que estatuiu o prof. Julio Ribeiro, a quem não damos razão neste ponto e por isso persistimos na nossa divisão, conforme o nosso plano synoptico [sic]. (MACIEL, 1914, p. 4)

Inclinado a um detalhismo, por vezes, exaustivo, nosso autor elabora seu plano sinótico desenvolvendo uma versão mais pormenorizada do que, por exemplo, a de Julio Ribeiro em sua *Grammatica portugueza* (1911), como se pode comparar conforme o plano sinótico de Ribeiro a seguir:

Figura 2: Plano sinótico da *Gramática portugueza*, de Júlio Ribeiro (1911).



Sobre a proposta de Maciel (1914), Cavaliere (2000) diz que:

Esse descritivismo pormenorizado tinha, além do fim óbvio de levar às últimas consequências o princípio do experimentalismo indutivo, outro mais pragmático: o trabalho de Maciel entrava no mercado para figurar entre os compêndios mais usados nas classes de Língua Portuguesa (CAVALIERE, 2000, p. 57)

Nesse sentido, a busca por uma obra suscetível de aplicação prática revela uma das preocupações do autor quanto à elaboração do *Plano Sinótico*. Especialmente no que tange à questão didática, um quadro resumitivo poderia, talvez, colaborar para uma melhor fixação da matéria. No entanto, o próprio autor da *Grammatica descriptiva* admite certa dificuldade de aplicação de sua obra em sala de aula, devido seu maior compromisso com a descrição do fato linguístico do que com o ensino da língua pátria nas escolas. Por isso, em prefácio, Maciel (1914) declara: “Bem sabemos que, para os que se iniciam na aprendizagem, é pesada a

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

nossa *Grammatica* e até inconveniente, desde que ao aluno não prescreva e limite o professor o que tem de ser estudado [*sic*]”.

### **2. *A syntaxologia na Grammatica descriptiva***

Questão peculiar que cumpre destacar inicialmente reside na especial atenção atribuída à sintaxe, na qual põe as análises sob a égide de “exemplos selectos, hauridos aos principaes escriptores que se nos afigurou poderem servir de normas á syntaxe da língua [*sic*]” (MACIEL, 1914, prólogo).

Não obstante ser de larga aplicação na linguística descritiva, Maciel opunha-se ao uso de testemunhos próprios como exemplos dos fatos linguísticos expostos. A bem da clareza, o comprometimento de Maciel com suas fontes bibliográficas leva-o a traçar um seguro painel das influências estrangeiras na gramática brasileira, encontradas no rodapé de cada página, onde faz referência àquelas que consultou.

Para o mestre sergipano, *syntaxologia* “é o tratado das palavras, consideradas collectivamente, isto é, nas suas diversas funcções ou relações logicas [*sic*]” (MACIEL, 1914, p. 253) e merece ser dividida em *syntaxe relacional*, *syntaxe phraseológica* e *syntaxe literária*. À *syntaxe relacional*, seguramente, confere significativa dedicação ao estudo das *funcções*, em detrimento do que haviam feito Pacheco da Silva e Lameira de Andrade e Julio Ribeiro, que se detinham ao das *relações*.

Segundo Konrad Koerner (1995), há três princípios teóricos que são básicos para a praxe historiográfica e seguem como premissas inarredáveis, a saber: *princípio da contextualização*, *princípio da imanência* e o *princípio da adequação*.

À luz do *princípio da contextualização* (KOERNER, 1995) – o estabelecimento do clima de opinião do período – pode-se avaliar que na segunda metade do século XIX as ideias de Marx, Darwin e Freud avivavam a ciência e a filosofia quanto aos estudos referentes à natureza e evolução numa corrente batizada Naturalismo.

Considere-se ainda, conforme Sevcenko (2003), que

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. (...) Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. (SEVCENKO, 2003, p. 286)

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Confronte-se tal fato com a definição de Maximino Maciel quando declara que “syntaxe relacional é o tratado das funções e relações das palavras, isto é, da sua concordância e posição no organismo da proposição simples” e “função o papel que na proposição exerce a palavra, como resultado syntactico das suas relações [*sic*]” (p. 253).

Essa atitude revela, *a fortiori*, o liame do autor à vertente naturalista da língua: *funções*, assim como nos seres vivos cada órgão realiza uma função específica no todo. Some-se, ademais, a inserção de expressões como *órgão*, *organismo* (FÁVERO, 2006).

Segundo Maciel (1914):

Seis são as funções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber:

- A) *Função subjectiva,*
- B) *Função predicativa,*
- C) *Função attributiva,*
- D) *Função objectiva,*
- E) *Função vocativa,*
- F) *Função adverbial.*

As duas primeiras são fundamentaes, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento, e as demais são accessorias, pois apparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado [*sic*]. (MACIEL, 1914, p. 254)

Levando-se em conta o que propõe Koerner (1995) acerca do *princípio da imanência* – o quadro geral da teoria sob investigação, bem como a terminologia usada no texto devem ser definidos internamente e não com referência à doutrina linguística moderna –, busca-se conhecer a terminologia linguística da época tomada para estudo a fim de não transportar para o passado os termos atuais. Assim é que, em síntese, no *tratado das funções* sintáticas de Maciel, vislumbra-se a *função subjectiva* – a da palavra ou expressão quando em papel de sujeito –, *função predicativa* – quando em papel de predicado –, *função attributiva* – em papel de adjunto atributivo –, *função objectiva* – palavra ou expressão a qual se transmite a ação do verbo de predicação incompleta –, *função vocativa* – a que indica a pessoa ou coisa a que nos dirigimos – e *função adverbial* – a que, mediante uma circunstância, modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Sob a égide do *princípio da adequação* (KOERNER, 1995) – aproximações modernas do vocabulário técnico e uma estrutura conceitual que permita uma melhor apreciação de uma dada obra, conceito ou teoria –, poder-se-ia sinonimizar o termo *fundamentais*, utili-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

zado por Maciel ao referir-se às duas primeiras funções, com *essenciais*; pois é notório que a oração, de modo geral, se compõe de dois termos – *sujeito* e *predicado* – chamados, hoje, *essenciais*. Em relação às demais funções, chamadas *acessórias*, elas modificam e completam o sentido do núcleo, ou seja, o elemento do sintagma, como um nome, um verbo, um adjetivo, que determina o caráter nominal, verbal ou adjetival da construção. No núcleo também reside o termo de maior importância que definirá a concordância da construção.

Ordinariamente, o que se nos apresenta são palavras ou expressões desempenhando o que tradicionalmente conhecemos por *sujeito*, *predicado*, *adjunto adnominal*, *objeto direto* ou *indireto*, *vocativo* e *adjunto adverbial*. Por certo, são classificadas mediante o papel que podem desempenhar, o que, a rigor, está vinculado ao seu *potencial funcional* (PERINI, 2006).

Portanto, a função das palavras ou expressões é definida em virtude do contexto e de suas devidas relações sintagmáticas. Deste modo é que, ao mudar-se o contexto, um sintagma nominal que exercia o papel de sujeito pode exercer a de objeto direto ou complemento de preposição. Considere-se, pois, que os três casos têm a peculiar característica de serem utilizados como referencial, designando um ser ou uma coisa qualquer. Em paralelo, no trabalho de Maciel correspondem ao predicado da gramática tradicional aqueles que figuram como sintagma verbal. E como modificadores de um nominal, aqueles que possuem propriedades tradicionalmente atribuídas aos adjuntos adnominais (ou sintagma adjetival), assim como denotadores de circunstâncias, aqueles que se comportam como adjunto adverbial (ou sintagma adverbial).

No tocante à função vocativa, revelada como expressão de natureza exclamativa, o mestre sergipano confere ao sintagma nominal (o qual pode ser representado por substantivo ou pronome, admitindo presença de expansões como adjuntos adnominais, orações adjetivas) o poder de, como já referido, indicar a pessoa ou coisa a que nos dirigimos.

Com efeito, pelo seu desligamento da estrutura argumental da oração, o vocativo representa, por si só, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições (BECHARA, 2019). Veja-se, por fim, que Maximino Maciel, ordinariamente bem sucedido na descrição criteriosa dos fatos linguísticos, assevera que função vocativa é a *palavra ou expressão posta interjectivamente na proposição* (MACIEL, 1914, p. 260).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

### 3. *Para finalizar*

É de conhecimento geral que o século XIX foi um período de grandes acontecimentos no cenário político, econômico e ideológico em um Brasil recém republicano, que lutava para fundar sua nova identidade: a identidade nacional, fator de extrema importante para o surgimento de muitas obras de caráter nacional (cf. MARINS, 2021).

Poder-se-ia, pois, afirmar que muitas acepções gramaticais hodiernas provêm das gramáticas de inestimável representação naquele frutuoso século. De maneira especial, podemos citar as de João Ribeiro, Júlio Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira e Hemetério dos Santos, entre outros.

Assim é que, notavelmente, apreende-se que a consolidação dos fundamentos sintáticos da moderna gramática brasileira, nos moldes em que até hoje se organizam, deve-se ao contributo de gramáticos como Maximino de Araújo Maciel, o qual, *in illo tempore*, tratou a fundo os fatos atinentes ao estudo da língua vernácula. E semelhante à esperança que nos fica enquanto estudiosos, pesquisadores e intelectuais de modo geral, assim revela: Restar-nos-á sempre o lenitivo, o incentivo de haver concorrido para a difusão de luzes em nossa Pátria (MACIEL, 1914, prólogo).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

\_\_\_\_\_. A contribuição de M. Said Ali à linguística portuguesa. In: SAID ALI, Manuel. *Investigações filológicas*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. *Confluência* (Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n. 23, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Ni-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

terói: EdUFF, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

KOERNER, Konrad. Persistent issues in linguist historiography. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Professing linguistic historiography*. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.

MACIEL, Maximino de Araujo. *Grammatica Descriptiva*. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1914.

MARINS, Ânderson Rodrigues. *Conjunções causais e explicativas do português em perspectiva semântico-argumentativa*. 1. ed. Campinas-SP: Pontes, 2021.

MARINS, Ânderson Rodrigues. *Linguística e gramática: fatos do sistema*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 10. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1911.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.